

GRÉSILLON, Almuth. Alguns pontos sobre a história da Crítica Genética. **Estudos Avançados**. São Paulo, USP, 1991, p. 7-18.

PÁGINA	
7	<p>[...] termo ‘crítica genética’ [...] foi atestado pela primeira vez em 1979, quando constou do título de uma coletânea publicada por Louis Hay, os <i>Essais de Critique Génétique</i>. [...]</p> <p>[...] ‘crítica genética’ não é exatamente a mesma coisa que a "crítica de gênese"; com relação a esta, J. Molino lembra em um artigo recente (Molino 1988, p.9) que o termo é devido a Gustave Rudler e que a coisa é a herdeira de toda uma longa e excelente tradição filológica.</p>
8	<p>A crítica genética não é, com efeito, uma disciplina independente constituída, é um campo de pesquisa e um campo que se busca, mas cujo objeto é definido — os manuscritos modernos — e cujos objetivos — descrição e exploração dos mecanismos de escritura — estão designados.</p> <p>[...] duas séries de termos que se encontram frequentemente em nossos trabalhos: por um lado, para identificar o local do escritor: "laboratório", "ateliê", "canteiro" e "fábrica"; por outro lado, para identificar o processo textual a descrever: "gênese", "criação", "nascimento", "geração". [...] As duas séries que citei são, de fato, bastante contraditórias, pois a primeira, a do "canteiro", possui um teor claramente construtivista, baseado na ideia de um "saber-fazer", enquanto a outra, a da "gênese", depende de um conceito organicista, implicando a ideia de um gênio criador.</p>
9	<p>‘A crítica genética, um filho do acaso e do empirismo’, escreve L. Hay num recente artigo (1987, p. 17) [...] em 1966, uma importante coleção de manuscritos de Heine foi comprada pela Biblioteca Nacional, e em 1968, o CNRS cria uma equipe de pesquisa encarregada de classificar, explorar e editar essa coleção. [...] Os inícios reais da crítica genética atual fizeram-se, pois, é importante frisar, fora de qualquer ambição teórica e mesmo desconectados de qualquer tradição filológica [...].</p> <p>[...] Com efeito, lá onde a psicologia da criação reinava com supremacia [...] os especialistas da crítica genética fizeram opções radicalmente diferentes. Não é o escrito final que está no centro de interesse, mas a escritura que se está fazendo, com suas infinitas dependências, com suas pertinências, bem como com suas impertinências. Não é a psicologia do autor nem a biografia da obra que importaria narrar, mas é um antetexto, com o conjunto das marcas conservadas, que se deve estabelecer.</p>
11	<p>[A] partir de então, o geneticista, assumindo sua própria subjetividade (portanto sem procurar imitar a do escritor), construirá hipóteses sobre a trajetória escritural do processo em questão.</p> <p>[a parte do acaso e a ausência de inscrição na tradição dos estudos genéticos à francesa]</p> <p>Essa parte de acaso não pode, entretanto, ser dissociada de certas necessidades: as condições da vida intelectual na França no fim dos anos sessenta que, [...], influenciaram a orientação e o foco da crítica genética nascente. Esta tomou seu impulso ao mesmo tempo em pleno estruturalismo e, pelo menos em parte, <i>contra</i> ele. Herdando dessa corrente o rigor metodológico, a crítica genética, embora fazendo romper o fechamento do texto, foi utilizada para isolar e descrever as diferentes fases dos antetextos (notas documentárias, pesquisas, menções epistolares, notas de trabalho, roteiros, planos, resumos, primeiro esboço redacional, rascunhos elaborados, passagens a limpo, cópias, provas corrigidas); e estabelecer, em função dos hábitos variáveis dos escritores, tipologias antetextuais. [...]</p> <p>[...] a corrente estruturalista agiu sem dúvida também mais subterraneamente, alimentando a reflexão sobre o estatuto do texto e da textualidade: títulos como <i>A obra aberta</i> (U. Eco) ou</p>

	<p><i>L'Archéologie du Savoir</i> (M. Foucault), ou <i>Pour une Théorie de la Production Littéraire</i> (P. Macherey), noções como a "produtividade" do texto (R. Barthes) ou a "disseminação" (J. Derrida) inflexionaram, inegavelmente e mesmo sem saber, a pesquisa genética quando esta se empenhou, cada vez mais, em um caminho em que a restituição arqueológica no antetexto levava a esboçar o horizonte de todos esses textos possíveis contidos na espessura das folhas manuscritas e a colocar "a terceira dimensão da literatura", a saber, a do tempo de sua escritura (Hay 1984).</p> <p>Outras ciências humanas, como a psicanálise, por exemplo, contribuíram também para estimular a reflexão sobre os manuscritos. Não era mais questão de o que esse autor <i>quis fazer</i>, mas "procurar quais forças indomadas, indomáveis talvez, se mobilizaram sem que ele soubesse, para resultar em uma estruturação" (Bellemin Noel 1972, p. 12).</p>
12	<p>No que se refere à linguística, ciência-piloto do estruturalismo, [...], não podia em nada responder às fartas abordagens genéticas, é certo que o pós-estruturalismo linguístico foi rico de ensinamentos, principalmente pelo poder evocador de certas noções como "transformação", "pressuposição", "não-dito", "subentendido", da mesma forma que pela aparição de pares terminológicos como "estrutura profunda/estrutura superficial" (Chomsky), ou "genótipo/fenótipo" (Saumjan e Kristeva). Todos esses termos podiam, com efeito, ilustrar a imensa riqueza do antetexto [...]. O fim dos anos sessenta era já também o início da linguística da enunciação [...] que introduzia precisamente um modelo dinâmico da linguagem, de que a descrição da escritura movediça do manuscrito tinha tanta necessidade. [...] trabalhos de Bakhtine, que mostra que todo discurso traz em si os traços de todos os discursos anteriores, que qualquer palavra é necessariamente polifônica [...].</p> <p>[...] por outro lado, a crítica genética permaneceu bastante tempo à margem das grandes correntes da crítica literária. Seu próprio objeto, esses manuscritos rabiscados frequentemente no limite do decifrável, era usado como instrumento: seus pesquisadores, em busca de métodos e de modelos, e tragados no labirinto dos rascunhos, não pertenciam a nenhuma ordem, nenhuma irmandade.</p> <p>[...] história ainda muito recente [...] da crítica genética [...] cindida em três momentos: o momento germânico-ascético (1968-75), o momento associativo-expansivo (1975-85), e o momento justificativo-reflexivo, que marca o estado presente.</p>
13	<p>Até 1974, os pesquisadores eram todos de fato germanistas de formação, e alguns mesmo de origem alemã. Os melhores dentre eles eram especialistas de Heine [...]. O que os reunia, era um desejo comum de aprender na prática para responder ao apelo, e apreender a materialidade dos rascunhos para classificar, datar, transcrever e editar a coleção Heine. [...] As aberturas para o exterior, pouco numerosas na época, trazem a marca dessa herança germânica, filológica e não-teórica [...].</p> <p>[o segundo momento:] [...] [u]m diálogo instaura-se entre germanistas e certos partidários dos franceses que, igualmente isolados, se chocam de maneira semelhante com problemas suscitados por <i>seus</i> manuscritos, no caso os de Proust, Zola, Valéry e Flaubert. [...]</p> <p>[...] criação de um laboratório próprio do CNRS cujo nome — "Instituto dos Textos e Manuscritos Modernos".</p> <p>[...] Paralelamente, seminários públicos e coletâneas coletivas se multiplicam [...] e certos países estrangeiros, principalmente aqueles que, como a Hungria ou o Brasil, descobrem, perplexos, seu patrimônio literário sem saber como protegê-lo ou explicá-lo, se dirigem aos especialistas franceses para pedir conselho e colaboração. [...] os próprios escritores começam a interessar-se por esses questionamentos sobre sua própria atividade [...]</p>
15	<p>Também o ano de 1985 foi, parece-me, um ano de mudança de tendências. Por um lado, um certo número de publicações marca a entrada da crítica genética nos circuitos oficiais da instituição literária [...]. Por outro lado, a emergência de vozes críticas, vindo ao mesmo tempo do interior e do exterior, toma uma duplo significado: a crítica genética é de fato</p>

	apenas uma corrente <i>in statu nascendi</i> , e não uma teoria constituída.
16	<p>Espagne [...] atém-se desta vez ao fato de que há risco de que os manuscritos disputem aos textos o lugar de objetos culturais, pois já se ousa falar publicamente da estética dos rascunhos.</p> <p>Quaisquer que sejam os motivos dessas críticas, elas parecem levadas por uma questão real que poderíamos parafrasear falando do perigo da fetichização do rascunho.</p> <p>O segundo tipo de críticas vem do exterior. Elas se resumem em dois pontos:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. A crítica genética é apenas um neologismo sob o qual, para formar pele nova, se camufla uma velha tradição genética francesa e cujos verdadeiros fundadores foram G. Lanson, P. Audiat e G. Rudler (J. Molino 1988, G. Falconer 1988).</li> <li>2. A crítica genética, com suas aparelhagens tecnológicas, é apenas uma pseudociência, vivendo de "fanfarronadas" (M. Crouet 1989, J. Molino 1988).</li> </ol> <p>[...] após um momento francamente conquistador, veio àquele em que se deve tomar posição no campo literário e mesmo em ciências humanas, tomar o tempo necessário para responder às questões levantadas; a título de exemplo: que extensão-limite fixar para a noção de gênese? Como tratar gêneses sem rasuras? Pode-se exportar nossos métodos para as gêneses não-verbais? Que pensar da contribuição das ciências cognitivas?</p> <p>E necessário decidir se deve, se pode existir uma teoria genética unificada, e saber se o geneticista é apenas um filólogo dos tempos modernos [...].</p>
<b>Palavras-chave:</b> Crítica Genética; Tradição dos estudos genéticos; Manuscritos Modernos.	

Débora de Souza

Doutoranda do PPGLitCult da UFBA